

Editorial

*(...) Prefiro o tempo dos insetos ao das estrelas.
Prefiro bater na madeira.
Prefiro não perguntar quanto tempo ainda e quando.
Prefiro ponderar a própria possibilidade do ser ter sua razão.
Wisława Szymborska¹*

Neste final de 2016, podemos nos perguntar o que aconteceu conosco e com o Brasil neste ano que – pela singularidade e pelo ineditismo dos acontecimentos no campo da política – talvez fique marcado para sempre na História. Jogos e abusos de poder, corrupção e tráfico de influências, assim como uma partidarização das decisões jurídicas favorecendo alguns culpados e perseguindo outros inocentes, entre muitas outras práticas espúrias que caracterizaram as dinâmicas da política nacional.

Nesse cenário turvo e confuso, as últimas eleições municipais sinalizaram inúmeros pontos de tensão trazendo trajetórias vencedoras dos chamados “não políticos”. Estamos em crise! – momento no qual o pensamento, a produção de conhecimento e as potências da reflexão crítica tornam-se ainda mais centrais para ampliarmos a construção de posturas éticas voltadas para as resistências e as reconstruções necessárias para uma sociedade mais justa e verdadeiramente voltada para todos.

No meio de todo esse mar de lama, não aquele vindo do acidente das mineradoras de Minas Gerais em 2015, mas da política nacional, as ocupações das universidades e escolas

1 Fragmento final do poema “Possibilidades”, de Wisława Szymborska, publicado em *Poemas* (Cia. das Letras, 2011).

secundaristas em todo o país trouxeram uma lufada de ar fresco e esperança para alguma renovação e vigor no enfrentamento da onda de repressão que assolou o Brasil, talvez o único saldo positivo de todo esse enorme imbróglio que se tornou a política. É nesse contexto, quase de adiamento do fim do mundo, que preparamos esta última edição da Revista E-Compós.

Nesta edição, empreendemos algumas mudanças. Incluímos uma capa na revista, ajuste necessário para iniciarmos o longo processo de inserção da E-Compós nos indexadores de publicações e que, futuramente, irá provocar outras mudanças. Contamos com a importante colaboração do professor Silas de Paula, do PPGCOM da UFC, que liberou o uso de imagens de sua autoria para a capa desta e das duas próximas edições. Em breve, estabeleceremos parâmetros para essas colaborações, dando oportunidade a outros interessados em nos enviar trabalhos para as capas da revista. Agradecemos a disponibilidade e generosidade do professor Silas de Paula em nos conceder a imagem.

A partir da próxima edição, contaremos com um novo Conselho Editorial para os anos de 2017 e 2018. Por isso, gostaríamos de agradecer a enorme colaboração dos conselheiros que, com seus pareceres, constituem a engrenagem mais central da revista, garantindo qualidade e lisura nos processos de avaliação dos artigos. Junto ao novo Conselho Editorial, contaremos com a preciosa colaboração do professor Marco Roxo (PPGCOM-UFRJ) que, já no primeiro volume de 2017, passará a integrar a Comissão Editorial. No ano que se inicia, também contaremos com o apoio da Profa. Miriam de Souza Rossini (PPGCOM-UFRGS), que passará a integrar nosso Conselho Científico. Sejam todos bem-vindos!

Nesta edição, na seção Cinema, foram reunidos três artigos. No primeiro deles, *História na primeira pessoa: em torno do*

método de Rithy Panh, Anita Leandro apresenta uma análise minuciosa da obra e do método de trabalho do renomado cineasta cambodiano, sobrevivente da revolução do Khmer Vermelho. Partindo de uma perspectiva que entrelaça estética e política, a autora nos mostra como o cinema pode operar como uma arma contra o esquecimento, um dispositivo capaz de mergulhar na memória dos sobreviventes, resgatando e reelaborando o passado.

Na sequência, Erick Felinto investiga certa tradição do cinema experimental que desloca a centralidade do humano nas formas fílmicas, produzindo uma espécie de vivificação dos objetos. Em *A Astúcia da matéria: notas sobre a animação do inorgânico*, Felinto questiona se esse protagonismo dos objetos – a “primazia do coisal sobre o pessoal”, como dizia Benjamin – não seria o indício do declínio da tradição antropocêntrica ocidental e a emergência de uma nova ontologia direcionada ao objeto.

Por fim, *Brasil em tempo de cinema como método de análise fílmica de Jean-Claude Bernardet*, de Margarida Maria Adamatti, traz um potente comentário em torno do livro que marcou o debate cinematográfico brasileiro como a primeira obra de análise sobre o Cinema Novo. Embasado em uma pesquisa histórica bastante rigorosa, o artigo avalia o método de análise de Bernardet, pensando sua repercussão e seus desdobramentos na crítica brasileira.

Na seção Cultura, o artigo *Pornotopias – espaço, mídia e sexualidades*, de Luiz Felipe Zago, apresenta uma reflexão apurada acerca das novas formas de homosociabilidade proporcionadas pela plataforma social *Manhunt*. Focado nos trabalhos de Butler e Foucault, o autor nos mostra como as formas de sociabilidade disponibilizadas pela internet mantêm ainda certas práticas de violência e exclusão, reafirmando relações de poder constituídas fora do ambiente virtual.

Já em *A Saúde da nossa gente: a popularização da ciência nos veios da educação não formal*, Antônio José Silva Oliveira e Ana Lourdes Alves de Araújo trazem uma discussão sobre a popularização ou a compreensão pública da ciência, levada a cabo por programas radiofônicos no interior do Maranhão. Trata-se aqui de destacar o papel do rádio não apenas como meio de comunicação, mas também como instrumento de educação, um educador não formal (Paulo Freire), que permite a ciência fazer parte, ainda que temporariamente, do cotidiano de comunidades rurais brasileiras. O texto insere-se, desse modo, na seção Rádio.

Na seção Jornalismo, publicamos o artigo *Qualijor – Sistema de Gestão da Produção Jornalística orientado para a qualidade editorial: Pesquisa aplicada e de desenvolvimento experimental em Jornalismo*, de Josenildo Luiz Guerra, que apresenta o sistema de gestão *Qualijor*, um software capaz de gerar indicadores de desempenho e qualidade editorial, possibilitando assim medir e aprimorar a qualidade da produção jornalística.

Dois artigos compõem a seção Publicidade. *As sedutoras da camiseta: mito, conflito e imaginário em jogo*, de Euler David de Siqueira e Denise da Costa Oliveira Siqueira, é um estudo acerca das relações entre mídia e imaginário que aborda a produção de sentido sobre o corpo feminino, posto em evidência pelos meios de comunicação durante a Copa do Mundo de 2014. Já em *Estratégias retóricas da publicidade: uma proposta de matriz classificatória*, Julio Cesar Leme de Castro inspira-se na teoria lacanianiana dos discursos para propor uma matriz capaz de identificar e classificar as estratégias retóricas mais abrangentes utilizadas historicamente pela publicidade.

Finalmente, na seção Temas Livres, trazemos as reflexões de Ana Maria Dantas de Maio e Henrique Moreira Mazetti. Ana Maria, em *Teoria das mediações sociais: refinamento ou*

obsolescência?, faz um balanço crítico da Teoria das Medições, desde sua origem até os dias atuais, provando que, apesar de algumas fragilidades de ordem metodológica, a Teoria reúne um arcabouço conceitual que se mostra ainda hoje atual e pertinente aos estudos da Comunicação. Já em *Uma breve história da felicidade na publicidade nacional (1960-2010)*, Mazetti discute as transformações nas representações de felicidade por meio da análise de uma série de anúncios publicitários veiculados nas revistas *Veja* e *O Cruzeiro*, entre 1960 e 2010.

Desejamos uma ótima leitura e um 2017 de novas inspirações!

Os editores